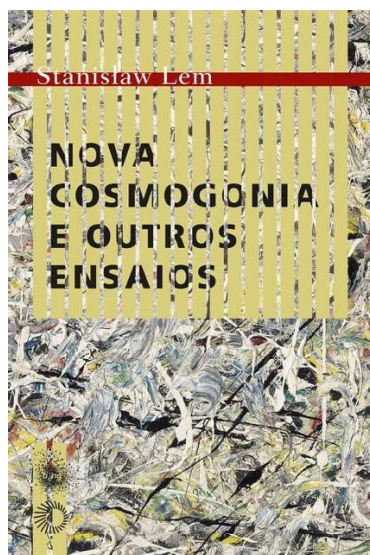


LEM, Stanisław. *Nova cosmogonia e outros ensaios*. Trad. de Henryk Siewierski. São Paulo: Perspectiva, 2019. 240 p. Coleção Big Bang.

Jessé Antunes Torres<sup>1</sup>

## LEM, PENSADOR DO FUTURO



O polonês Stanisław Lem (1921–2006) talvez seja mais conhecido no Brasil por seu romance *Solaris* (1961), adaptado para o cinema duas vezes, primeiro por Andrei Tarkovsky, em 1972, e depois por Steven Soderbergh, em 2002. O livro conta a história de astronautas em uma estação espacial envolvidos com a solarística, o estudo de um planeta, Solaris, que é ele mesmo uma forma de vida – um oceano dotado de inteligência que tem os poderes de plasmar formas e materializar pensamentos dos astronautas. Nessa ficção científica, o ser extraterrestre não é antropomórfico – na verdade, é tão diferente daquilo que vemos em filmes e séries como *Arquivo X* que... corre o risco de estar mais perto da realidade. Ou seja, Lem não incorre no erro que, aqui no Brasil, o filósofo de origem tcheca Vilém Flusser<sup>2</sup> (1965,

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jessehtorres@gmail.com.

<sup>2</sup> Flusser e Lem têm vidas e obras cheias de similaridades: ambos judeus, sobreviventes do Holocausto, os dois eram críticos da ficção científica mais banal. Flusser nasceu em 1920 e Lem, em 1921. Ambos optaram pelo ensaio como gênero preferido para reflexão, e ambos incursionaram pelo apócrifo – Flusser com suas ficções filosóficas. Enquanto o tcheco vivia certo isolamento em seu exílio no Brasil, também devido a sua falta de titulação acadêmica, o polonês viveu o isolamento do Ocidente por conta do regime comunista. Ambos foram de certa

p. 46) já criticava: o fato de que os autores de ficção científica em geral imaginam em Marte seres ainda muito carbônicos, com “olhos e garras e trombas”. Como escreve Tavares (2003, s. p.) numa orelha de *Solaris*, “Lem é um dos poucos autores de FC onde a palavra *alien* evoca de fato o sentido de o Outro, o Diferente, o Estranho, o-Que-Não-É-Como-Nós, o-Que-Não-Conhecemos”. Além desse livro, até 2019 haviam sido publicados no Brasil, dele, apenas os romances *O Incrível Congresso de Futurologia: Das Memórias de Ijon Tichy*, *A Voz do Mestre* e *Memórias Encontradas numa Banheira*.<sup>3</sup>

Nascido em Lwów em uma família abastada de origem judaica, Lem sobreviveu à Segunda Guerra Mundial escondendo suas origens semitas em uma Polônia ocupada pelos nazistas. Formou-se em Medicina, como seu pai. Entretanto, optou por virar escritor, e ao longo da vida exerceu diversas funções. Em uma carta de 1976 a seu tradutor, escreve: “Comi meu pão de muitos fornos” (LEM apud SIEWIERSKI, 2019, p. 215). Seu interesse pela ciência o levou à ficção científica. Publicou seu primeiro livro – *O Homem de Marte* – em 1946. Roberts (2018, p. 505) escreve que “é bem provável que o maior escritor continental da FC do pós-guerra seja o polonês Stanislaw Lem, um autor europeu intransigente [...]”. “[...] *Doskonała próznia* [Vácuo perfeito] (1971) e *Wielkość urojona* [Magnitude imaginária<sup>4</sup>] (1973) contêm mais ideias e percepções que as encontradas na carreira toda da maioria dos autores ocidentais de FC de médio gabarito” (ibidem, p. 506). O ano de 2021 será marcado pelo centenário do nascimento do escritor. Será o Ano Stanisław Lem, com lançamento de livros inéditos, traduções e uma biografia.

Mas Lem não se aventurou apenas na ficção científica. Foi também um futurólogo *avant la lettre* e filósofo. Como comenta Swirski (apud ROBERTS, 2018, p. 506), “não pode haver dúvida sobre a centralidade do pensamento filosófico e científico nos escritos de Lem”. De fato, nos últimos anos de sua vida deixou de escrever ficção para se dedicar apenas à ensaística. Com o passar do tempo, verificou-se que algumas de suas previsões deixaram de ser apenas conjecturas para virar realidade. Suas obras foram traduzidas para mais de quarenta línguas, mas ainda é um autor pouco traduzido no Brasil. Fala-se inclusive da dificuldade de transpor suas obras, que possuem jogos linguísticos e neologismos. No ano passado, a editora

---

maneira “futurólogos”. A obra de Flusser que mais se aproxima da futurologia é *Angenommen (Suponhamos)*, ainda inédita em nosso país.

<sup>3</sup> Apenas *Solaris* ganhou, só em 2017, uma tradução direta do polonês, pela editora Aleph. As outras eram todas traduções indiretas.

<sup>4</sup> Na tradução de Siewierski, *A Grandeza Ilusória*.

Perspectiva lançou, no âmbito da coleção Big Bang, a primeira antologia brasileira de não ficção do autor, *Nova cosmogonia e outros ensaios*, com dez textos vertidos diretamente da língua polonesa pelo professor Henryk Siewierski.<sup>5</sup> Os textos provêm de livros como *Summa Technologiae* (1964), *Doskonała Próznia* [Vácuo perfeito] (1971), *Sex Wars* (1996), *Okamgnienie* [Piscar de olho] (2000), *Bomba Megabitowa* [Bomba de megabyte] (1999) e *Tajemnica Chińskiego Pokoju* [O segredo do quarto chinês] (1996).

Temos a oportunidade de conhecer um Lem especulador, dotado de grande cultura literária e de conhecimentos de diversas ciências, que une todos esses elementos com muita maestria no gênero do ensaio, de maneira despretensiosa. Dessa maneira, nos traz mais questionamentos que respostas. Os temas abordados são vários: tecnologia, ciência, filosofia, cosmogonia, ficção científica, futurologia, vida extraterrestre... O livro está dividido em duas partes – a primeira com três ensaios da fase inicial de Lem, e a segunda com textos escritos nos últimos anos de sua vida. O contraste entre as duas é que os ensaios da primeira fase são bem mais longos e menos conclusivos.

O volume começa com “Duas evoluções” (originalmente publicado em *Summa Technologiae*), em que o autor faz um interessante contraponto entre a evolução tecnológica e a evolução biológica, destacando suas semelhanças e suas diferenças. Entre as semelhanças apontadas, estão, por exemplo, que tanto a evolução biológica quanto a tecnológica, em suas “inovações”, imitam as formas que as antecederam. Assim, os primeiros répteis pareciam peixes, e o primeiro carro tinha a aparência externa de um coche (p. 22-23). Da mesma maneira que encontramos na natureza características que não podem ser explicadas pela simples capacidade de adaptação, grande parte dos produtos tecnológicos têm componentes aparentemente desnecessários... Assim como na natureza encontramos o fenômeno do mimetismo, Lem escreve que a indústria de objetos cotidianos imita, por exemplo, as formas da indústria aeronáutica. Já entre as diferenças, o fato de que a bioevolução é um processo amoral, enquanto a evolução tecnológica é ditada pelo homem. A evolução biológica é obra de Natureza, e a tecnológica, do homem. A “tecnologia” da matéria viva, escreve Lem, bate e muito a nossa tecnologia humana, criada pela engenharia (p. 35). A Natureza constrói

---

<sup>5</sup> Siewierski possui graduação em Filologia Polonesa (1973), mestrado em Filologia Polonesa (1974) e doutorado em Ciências Humanas (1980) – todos pela Uniwersytet Jagielloński. Atualmente é professor titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB) (informações da plataforma Lattes acessadas em 1º de dezembro de 2020).

cegamente (apenas faz), enquanto o homem cria a partir do conhecimento científico (pelo menos atualmente)...

O procedimento ficcional muitas vezes não é completamente abandonado por Lem nos ensaios, e em “Alfred Testa: ‘Nova Cosmogonia’”, ele lança mão do procedimento apócrifo, atribuindo a uma personagem fictícia suas próprias ideias. O texto se estrutura como um discurso proferido pelo inverídico professor Alfred Testa na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel. Lem é conhecido por resenhar diversos livros que não existem, assim como Jorge Luis Borges, por exemplo, no conto “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” ou no “Exame da obra de Herbert Quain” (ambos in: *Ficções*). Escreve Borges (2007 [1941], p. 11): “Desvario trabalhoso e empobrecedor o de compor vastos livros; o de espriar em quinhentas páginas uma idéia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos. Melhor procedimento é simular que esses livros já existem e propor um resumo, um comentário.”

Também apócrifo é “Provocação”, que fecha a primeira parte de *Nova cosmogonia e outros ensaios*, texto em que Lem resenha uma fictícia obra de um tal Horst Aspernicus, “[...] cujo sobrenome lembra Copernicus [...]”.<sup>6</sup> A tese de Aspernicus é de que as raízes do Holocausto não estão apenas no antissemitismo e no Terceiro Reich, mas também no apagamento da morte da civilização moderna – seu isolamento, seu ocultamento. Marginalização já diagnosticada, entre outros autores, por Benjamin (2012), em *O narrador*, de 1936. Porém, Aspernicus vai mais longe, ensaiando a tese de que a morte exilada da cultura fica fora de controle, precisa retornar, e quem assume esse papel de permitir seu regresso é o Terceiro Reich. Por que Lem deixa de assinar alguns ensaios com seu nome e usa a artimanha do apócrifo?, pergunta-se o tradutor Henryk Siewierski. O autor lança mão desse expediente talvez porque os pontos de vista defendidos são arriscados demais, e poderiam colocá-lo em perigo – principalmente com relação à censura soviética. O apócrifo é uma forma de expressão indireta. Com ele, há uma mudança das afirmações para o plano da ficção, o plano diegético.

A segunda parte do livro começa com um texto que nada mais é que um capítulo do livro *Sex Wars* em que o autor analisa sua futurologia em retrospecto. Lem considera que foi como que um “Robinson Crusó da futurologia” (p. 152), porque começou a escrever sobre esse tema muito antes de ele virar moda no Ocidente (mais ou menos por volta dos anos 60), e teve que criar tudo sozinho. Nesse texto ele escreve que a Cortina de Ferro do regime comunista,

---

<sup>6</sup> Muita gente não sabe que Copérnico (Mikołaj Kopernik) também era de origem polonesa. O nome foi latinizado.

paradoxalmente, foi benéfica para sua obra, a seu ver, pois o manteve afastado do mundo ocidental e da sua literatura. “Até 1956, não tinha lido nenhum livro de ficção científica (com exceção de Júlio Verne e H. G. Wells [...]), como também não tinha acesso a obras científicas” (p. 149). Entretanto, houve uma exceção a esse isolamento, relata: trabalhando como assistente no Conservatório de Estudos da Ciência, o escritor teve contato com muitos livros, e lá pôde conhecer a *Cibernética* de Wiener, a teoria da informação de Shannon, os trabalhos de John von Neumann, a teoria dos jogos...

É interessante ressaltar o contraste entre escrever sobre ficção científica e futurologia sob o capitalismo e sob o comunismo: Lem afirma que deixou de publicar muita coisa simplesmente por medo da censura. Na União Soviética não se ouvia falar do futuro, ele escreve, pois este já estava previsto de forma perfeita sob a ideia do paraíso comunista. A cibernética na terra do Sputnik e de Yuri Gagarin era considerada oficialmente uma ciência da mentira. Lem já falara de uma guinada biotecnológica muito antes dos desenvolvimentos mais recentes da área, do Projeto Genoma Humano... E segundo seu depoimento, as coisas se deram mais ou menos da maneira como ele previu, embora com outros nomes.

Lem, como Flusser, era crítico com as obras de ficção científica que ignoram ou desprezam a ciência. Considerava a ficção científica norte-americana em geral de baixa qualidade, mas via em Philip K. Dick uma exceção. No posfácio a uma edição polonesa de *Ubik*, do estadunidense, ele critica a mediocridade e a mistificação da *science fiction* da terra do Tio Sam, mas enaltece Dick. E em *O fantástico e a futurologia*, escreve:

Dick é, na ficção científica, como que um visitante de outras esferas que incorporou completamente os pensamentos, desejos, dilemas dos quais o terreno da ficção científica dispunha, aproveitando os trajes do *kitsch* para, com eles – feito um mimo no depósito dos trapos –, representar o drama do mistério da existência (LEM, 1970, apud SIEWIERSKI, 2019, p. 217-218).

Dick, por sua vez, como relata Siewierski (2019), chegou a achar que Lem era uma personagem fictícia, inventada pelo regime comunista, e que o sobrenome “Lem” era uma sigla. Inclusive escreveu uma carta para o FBI em 1974 denunciando-o (!).

Perto dos verdadeiros grandes desafios que vivemos no dia a dia, como a pandemia do novo coronavírus que estamos a enfrentar, falar de ficção científica pode parecer tolo. Entretanto, nunca precisamos tanto de ciência, e também nunca precisamos tanto de imaginação. O mundo nunca necessitou de tal maneira de pensadores do futuro (a crise

climática e ambiental está aí para prová-lo), e Lem foi um deles. Em 2020, um ano em que o futuro nos parece ter sido subtraído pela crise decorrente da covid-19, nunca foi tão verdadeiro aquilo que ele escreveu em *O Segredo do Quarto Chinês*:

Uma pessoa, ficando em casa, poderá ter acesso a todas as bibliotecas do mundo, inclusive videobibliotecas, entregar-se a um intenso intercâmbio intelectual com inúmeras pessoas graças ao aperfeiçoado e-mail, correio eletrônico, ver obras de arte, desenvolver uma intensa atividade econômica, paquerar, ver paisagens de países distantes, e assim por diante, poderá tudo, sem nenhum risco (a não ser financeiro), mas, com tudo isso, permanecerá na solidão (LEM, 1996, apud SIEWIERSKI, 2019, p. 223).

Lem era crítico da mediocrização do uso das conquistas tecnológicas. Criticava, por exemplo, que o homem tenha inventado a rede de computadores, sobre a qual havia escrito já em 1954, para por meio dela distribuir pornografia...

Como introdução à obra ensaística desse relevante autor polonês, *Nova cosmogonia e outros ensaios* cumpre seu papel muito bem – tanto que, ao final, ficamos querendo mais. Esperamos que a editora Perspectiva ou outras casas editoriais lancem em breve mais ensaios de Lem traduzidos em nosso país. Que o Ano Stanisław Lem os inspire em tal empreitada!

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

BORGES, Jorge Luis. Prólogo [a O jardim de veredas que se bifurcam]. In: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 11-12.

FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo**. São Paulo: Martins, 1965.

ROBERTS, Adam. **A verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista das massas. Trad. de Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

SIEWIERSKI, Henryk. Nas trilhas da escrita ensaística de Lem: anotações do tradutor. In: LEM, Stanisław. **Nova cosmogonia e outros ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 213-238.

TAVARES, Braulio. [Orelha do livro.] In: LEM, Stanisław. **Solaris**. 2. ed. rev. Trad. de José Sanz. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.